



A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO NEGRO
LATINO-AMERICANO POR UM JORNAL INTERNACIONAL

HOW AN INTERNATIONAL PERIODICAL REPRESENT
THE IMAGE OF THE LATIN-AMERICAN BLACK PEOPLE

Renata Almeida DANIN¹

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: renatadanin@gmail.com.





RESUMO

Este trabalho busca explorar a relação entre as narrativas reproduzidas pelos grandes conglomerados de mídia na reprodução de ideologias e na construção da imagem do negro latino-americano morador de favela no Brasil. Utilizaremos a Análise Crítica do Discurso como arcabouço teórico e metodológico, com o suporte de importantes teorias da comunicação social. Nosso *corpus* é composto por duas reportagens da versão *online* do jornal britânico *The Guardian*, do mês de setembro de 2019, noticiando a violência policial no Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE

Violência policial; racismo; Análise do Discurso.

ABSTRACT

This paper seeks to explore the relationship between the narratives reproduced by large media conglomerates, the reproduction of ideologies and the construction of the image of the black, latinamerican, slum dweller in Brazil. We will use as theoretical and methodological framework the Critical Discourse Analysis, supported by important theories of the social communication. Our corpus consists of two reports from the online version of the British newspaper *The Guardian* of September 2019, reporting police violence in Rio de Janeiro.

KEYWORDS

Police Violence, Racism, Discourse Analysis.





INTRODUÇÃO

A metodologia de Análise Crítica do Discurso analisa um componente fundamental: o uso da linguagem, ressaltando aspectos cognitivos, modelos mentais, conhecimentos e demais representações. As estruturas sociais, comunicativas, históricas e culturais, quando representadas em determinados contextos, são relevantes para uma formação sociocognitiva, que pode vir a se transformar em atitudes, hábitos e a formação de pensamento. O Discurso, sendo percebido como prática social, desempenha papel interessante na sociedade, sendo responsável pela transmissão de conhecimentos e ideologias, de modo que se torna útil o uso dessa ferramenta para estudar e analisar a reprodução do racismo, da dominação e da desigualdade social na sociedade contemporânea.

Os discursos não se limitam apenas a uma dimensão verbal:têm, também, dimensões não verbais; e levam em consideração a entonação, gestos, sons, imagens, entre outros aspectos multimodais. Essas características se somam à importância da mídia na reprodução de ideologias, sobretudo a ideologia das Elites simbólicas, transmitidas, neste caso, por grandes conglomerados de mídia e sua visão de mundo.

Estudaremos, neste artigo, duas reportagens veiculadas, no mês de setembro de 2019, pelo jornal britânico *The Guardian*, em sua coluna *World News*, na versão *online*, que noticiaram eventos ocorridos no Rio de Janeiro, no contexto local de violência policial. Nossa escolha pelo jornal *The Guardian* se deu em virtude do alcance, da credibilidade e da influência mundial, tendo suas reportagens reproduzidas e servindo como referência na área jornalística.



Para a construção deste estudo, optamos pela metodologia de Análise Crítica do Discurso (ACD) proposta pelo sociólogo holandês Teun A. Van Dijk, que se debruçou sobre os estudos de discurso e desigualdade na América Latina e Europa, destacando-se pela sua experiência na detecção de indícios do racismo narrativo. Neste artigo, além de utilizarmos a Análise do Discurso como metodologia, abordaremos, também, alguns conceitos desta importante escola teórica, acionando outros conceitos pertinentes em nossa análise.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. DISCURSO COMO FORMA DE CONTROLE

Para uma correta Análise Crítica do Discurso, além da análise da estrutura narrativa, é preciso observar, também, as estruturas do contexto – ou seja, os parâmetros marcantes da situação comunicativa –; e como é percebida pelos integrantes no contexto social. A manipulação da narrativa é expressa por meio do controle do discurso público, determinando, indiretamente, o que o público deseja, de modo que o controle do discurso é uma forma de poder simbólico (VAN DIJK, 2008).

A Elite simbólica é constituída por políticos, jornalistas, professores e toda sorte de profissionais que detêm poder simbólico suficiente para controlar o discurso público nas mais diversas dimensões semióticas. Por esse motivo, a análise do discurso está associada a uma análise social e a um abuso de poder, o poder simbólico. Ainda segundo Van Dijk (2008), as Elites simbólicas, além de controlar as ações comunicativas, controlam, também, o pensamento dos demais. Isso se deve ao fato de que



o conhecimento adquirido por essas elites ajuda a construir opiniões e atitudes. Mas, dependendo do nível de conhecimento e de reflexão do indivíduo, é possível rejeitar as ideias dessas elites, mesmo que estejam em situação de poder. É importante frisar que a propagação de ideologias, o controle da mente e a formação da opinião são adquiridos a partir da sociocognição, que, por sua vez, é um ponto forte no pensamento do sociólogo holandês Teun Van Dijk, é a grande responsável pela formação de opiniões, cultura e forma de pensar na atualidade, moldando o leitor a partir da visão de quem controla o discurso público.

Figura 1 – Triângulo discurso-cognição-sociedade



Fonte: Elaborada pela autora com base em Van Dijk (2008).

É possível relacionar o papel das elites simbólicas propostas por Teun Van Dijk com algumas características das redes de Manuel Castells, uma vez que as redes concentram os legítimos reprodutores dos códigos de conhecimento, contribuindo com a construção da percepção coletiva (CASTELLS, 2000). Logo, ao contribuir com a percepção coletiva, exerce-se,



também, uma forma de poder simbólico, de modo que Van Dijk e Castells se relacionam nas definições de poder, pois, para Castells (2000,) o poder é baseado no controle da comunicação e da informação, seja por meio do macropoder do Estado e dos conglomerados de mídias, seja por meio do micropoder de organizações de todos os tipos.

De forma fluida e pouco perceptível, é possível a materialização de processos de aquisição de racismo como uma relação de poder de um grupo sobre outro, assumindo a força das elites simbólicas no controle do discurso público. Ao mesmo tempo, é possível afirmar que a ideologia com indícios de racismo, de um modo geral, organiza-se a partir da representação positiva de si e da representação negativa do outro, podendo, também, ser utilizada a estrutura de nós *versus* eles. Tais conceitos podem ser aplicados em todos os níveis semânticos (imagens, tópicos e metáforas) e, assim, por meio da sociocognição, engendrar um pensamento preconceituoso contra determinados grupos desprivilegiados socialmente, a exemplo dos negros e dos pobres de nossa sociedade (VAN DIJK, 2008).

1.2. RACISMO COMO VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

O racismo institucional – sutil, difuso, praticado por instituições de nossa sociedade, o qual, em muitos casos, não é perceptível, devido ao seu caráter simbólico e implícito no discurso público – se aproxima das ideias do sociólogo Pierre Bourdieu, que nos ajuda a compreender importantes conceitos de nosso aporte teórico, como os de dominação e violência simbólica. A dominação não ocorre, diretamente, da ação de uns sobre outros, mas da consequência indireta de ações que se produzem na estrutura do campo, que exerce predomínio em relação aos outros. Tal dominação não é manifesta,



e, sim, disfarçada, a tal ponto que, muitas vezes, os que a sofrem não a entendem (BOURDIEU, 2005):

[a] violência simbólica incide em um abuso que se pratica com a convivência implícita dos que a toleram também, com constância, dos que a praticam, de modo que alguns são inconscientes de que estão praticando ou sofrendo esta violência. Logo, a violência simbólica é uma violência velada, conferindo poderes. Tal violência não pode ser usada involuntariamente, pois não é um tipo distinto de violência. Ela é violência física disfarçada, camuflada e encoberta. (BOURDIEU, 2005, p. 22).

Esse tipo de violência tem, por consequência, instituir a legalidade de um discurso de autorização de uma instituição, ao passo que as relações de poder que causam a violência simbólica são ignoradas (BOURDIEU, 2005). Logo, o racismo, sobretudo o racismo institucional, comporta-se como uma espécie de violência simbólica, que é difundida, em nossa sociedade, por meio de diversas práticas: explícita; direta; institucional; discursiva; não acesso a direitos, como educação e saúde; violência policial; representação negativa ou inexpressiva na mídia (DANIN, 2017).

1.3. MÍDIA

Finalmente, aproximamo-nos dos conceitos relacionados à reprodução do racismo e, neste caso, do papel da mídia como disseminadora de preconceitos. Desse modo, dialogaremos com o estudioso da Teoria das Comunicações (principalmente, no contexto da América Latina) Jesus Martín-Barbero, que, no livro *Dos Meios às Mediações*, propõe uma abordagem que não foca os meios de comunicação (televisão, jornal, rádio); e estende o olhar até a




experiência da vida cotidiana (bairro, hábitos cotidianos, hábitos de classe e relações familiares). Entendendo a comunicação como prática social, o autor utiliza o conceito de mediação como a categoria que liga a comunicação à cultura (MARTÍN-BARBERO, 2008).

As mediações são os elementos presentes entre a produção e a recepção dos produtos midiáticos. Pensar a comunicação sob o aspecto das mediações significa entender que, entre a produção e a recepção, há um espaço em que a cultura cotidiana de fato acontece. Martín-Barbero (2008) sugere três componentes de mediação que influenciam o modo como os receptores recebem os produtos midiáticos: temporalidade social, competência cultural e cotidianidade familiar. No cenário de competência cultural e cotidianidade familiar, justamente, as ideias das elites simbólicas ganham força, podendo ser reproduzidas.

Thompson (2011) também buscou entender as várias formas pelas quais a mídia passou a moldar o mundo em que hoje vivemos. Segundo Thompson (2011), o uso dos meios de comunicação implica a criação de novas formas de ação e de interação social, novos tipos de relações sociais e de maneiras de relacionamento dos indivíduos. A comunicação de massa é produção e difusão de bens simbólicos a partir da fixação e da transmissão de conteúdo simbólico ou informação. Por sua vez, o valor simbólico é o valor que os objetos têm em virtude do apreço, estima ou desprezo dos indivíduos. Logo, no campo simbólico, ocorrem, também, as reproduções de violências simbólicas – entre elas, o racismo. Compreendendo que a mídia passou a moldar o mundo e o comportamento das pessoas, novas formas de reprodução da violência simbólica foram refinadas, e, justamente, nas nuances discursivas, podemos detectar esse movimento.





Outra contribuição relevante de Thompson (2011) na discussão da importância da mídia na propagação de mensagens e ideologias – sejam quais forem – é o conceito de socialidade mediada, que nada mais é do que a compreensão do mundo moldada pelos produtos da mídia, um sentimento de pertencimento a grupos e comunidades, que se constituem, em parte, por meio da mídia. A socialidade tem forte poder ideológico, cultural e cognitivo e é uma importante ferramenta usada pelas elites simbólicas para reprodução de mensagens e ideias de um modo geral. A ideia de recepção nos é igualmente útil, pois demonstra que o sentido que os indivíduos dão aos produtos da mídia pode variar de acordo com as vivências, com as condições sociais e com as crenças de cada um, de modo que a mesma mensagem pode ser entendida de várias maneiras, em diferentes contextos (THOMPSON, 2011).

2. METODOLOGIA

Este trabalho busca examinar a relação entre as narrativas reproduzidas pelos grandes conglomerados de mídia, na reprodução de ideologias e na construção da imagem do negro latino-americano morador de favela no Brasil. Para alcançar nosso objetivo, realizaremos uma breve revisão bibliográfica, abordando temas que circundam a propagação do racismo na sociedade contemporânea; e, em um segundo momento, analisaremos um *corpus* composto por reportagens de um jornal internacional.

A escolha do *corpus*, composto por duas reportagens do mês de setembro de 2019 da coluna *onlineWorld News* do jornal britânico *The Guardian*, deve-se ao alcance, à respeitabilidade e à influência do jornal na disseminação da notícia e na reprodução de sua visão de mundo



aos leitores, sobretudo do leitor europeu. Como arcabouço teórico e metodológico, optamos pela Análise Crítica do Discurso sob a ótica do sociólogo holandês Teun Van Dijk, em virtude de seus estudos sobre racismo narrativo, tanto na Europa quanto na América Latina.

Apenas para fins didáticos, ajudando o leitor a compreender a análise e ratificar o tema proposto pelas reportagens, utilizaremos uma técnica de Análise de Conteúdo, com o suporte do software de pesquisa qualitativa NVIVO¹². Nossos resultados e discussões se dividirão em três etapas: a primeira será a análise das manchetes; a segunda será a análise das imagens de capa de cada reportagem; e a terceira será a análise do discurso em categorias narrativas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Análise Crítica do Discurso – ou, simplesmente, ACD – é uma ferramenta útil para investigar ideologias, identidades e relações de poder presentes em diversas narrativas, sendo possível revelar o que há por trás de determinadas estruturas narrativas. Para Van Dijk (2008), a narrativa expressa relações de poder que podem refletir racismo ou preconceito, de modo que as relações raciais precisariam ser pensadas de forma complexa, envolvendo os modelos cognitivos, sociais, psicológicos e, até mesmo, históricos. Por isso, devem ser analisadas sob várias óticas. Pelo olhar da cognição social (base principal do pensamento do autor), a Análise Crítica do Discurso se destina a estudar textos e fala, enfatizando a relação entre discurso e sociedade na propagação de ideologias (e como estas ideologias podem imprimir resistência, dominação ou desigualdade); nas estratégias de manipulação, de legitimação, de consenso; e nos demais métodos que beneficiam as elites simbólicas.



Van Dijk (2008) afirma que há muitas maneiras de analisar o discurso de forma crítica – de formagramatical, por meio de diálogos, por meio daretórica, por meio da estilísticae por meio dasemiótica –, sendo possível, ainda, a utilização dediversas metodologias, comoa experimental, a observação participante, a etnografia, entre outras diversas. Logo, o discurso não é entendido como uma narrativaindependente, mas como uma práticahistórica, política, cultural e social.

Para uma melhor compreensão da reprodução midiática da narrativa ideológica das elites simbólicas, elaboramos o esquema abaixo, que explica que a estrutura social representada pelo jornal ou por grandes conglomerados de mídia (o jornal *The Guardian* atua como elite simbólica) controla a forma como os eventos comunicativos são noticiados, utilizando os meios de comunicação (rádio, jornais, televisão), que influenciam, diretamente, a cognição pessoal e social (a partir de atitudes, comportamentos e formação cultural). O processo se retroalimenta e retorna à sociedade muitas vezes, como se fosse uma ideia própria. Porém, foi altamente influenciada pelas elites simbólicas ao longo do processo supracitado, de modo que a sociocognição se torna a principal interface que liga o discurso à sociedade (VAN DIJK, 2008).

Figura 2 – Reprodução midiática da narrativa ideológica das elites simbólicas



Fonte: Adaptada de Van Dijk (2008).

O *corpus* desta pesquisa é composto, basicamente, por duas reportagens diferentes de um mesmo jornal, em sua versão *online*, utilizando, como critério básico, assuntos relacionados ao Brasil, no mês de setembro de 2019, no mecanismo de busca do próprio jornal. As reportagens estão localizadas na coluna *World News* e descrevem violência policial nas comunidades (favelas) do Rio de Janeiro. Aqui, aprofundaremos o debate sobre a representação da imagem do negro pobre morador de favela e como é retratado pela mídia estrangeira. As discussões seguem logo após a apresentação do *corpus*.

Quadro 1 – Versão *online* para o Reino Unido do jornal britânico *The Guardian*, coluna *World News*, setembro de 2019

“Caught defenseless in the crossfire: Rio families cope with deaths by police violence”
 Coluna *World News*
The Guardian, 16/09/2019.
E1

“Brazilians blame Rio governor’s shoot-to-kill policy for death of girl”
 Coluna *World News*
The Guardian, 22/09/2019.
E2



Fonte: *The Guardian*, 2019.

As histórias podem se tornar mais eficazes ou mais credíveis, enfatizando a natureza notável, inesperada ou outro aspecto interessante de sua complicação. Isso pode acontecer, por exemplo, com o estabelecimento de um contraste marcante com o que seria o curso normal dos eventos em tal situação (VAN DIJK, 2008). Nesse sentido, ao retratar a violência policial carioca, temos, aqui, uma situação atípica, pois a polícia, em tese, tem o dever de proteger a população – e não o contrário –, de modo que o uso das manchetes se justifica do ponto de vista jornalístico, buscando a atenção do leitor, mas, ainda assim, veicula outras relações ideológicas, que serão abordadas em detalhes mais à frente.

Esta parte do trabalho está dividida em três etapas simples: a primeira será a análise das manchetes; a segunda será a análise das imagens de capa de cada reportagem; a terceira será a análise do discurso em categorias narrativas.

Os acontecimentos das reportagens retratam o cenário de violência policial nas favelas cariocas, que vitimou, principalmente, crianças inocentes, executadas por balas perdidas em possíveis trocas de tiros da polícia com bandidos, em nome das políticas de “guerra às drogas” e de “atirar pra matar” implementadas pelo governador Wilson Witzel. Como se verá, essas políticas afetam, sobretudo, negros e pobres, que, por desigualdades sociais históricas, são maioria nas favelas cariocas, cenário principal dos fatos noticiados.

3.1. ANÁLISES DAS MANCHETES

E1: **“Caught defenseless in the crossfire: Rio families cope with deaths by police violence”**

Indefeso pego no fogo cruzado: famílias do Rio lidam com mortes por violência policial



E2: **“Brazilians blame Rio governor’s shoot-to-kill policy for death of girl”**

Brasileiros culpam a política de atirar para matar do governador do Rio pela morte de menina

Ambas as manchetes generalizam os sujeitos, que se estendem, discursivamente, para todo o Rio de Janeiro (e não apenas na favela), como se observa em E1 (*Rio Families*); e expande a crítica ao fato de a política de atirar para matar, que é específico do Rio de Janeiro, a uma discussão nacional, como se observa em E2 (*Brazilians blame*). Portanto, a partir da reprodução desse tipo de manchete, é possível associar, diretamente, Rio de Janeiro e Brasil à violência policial.

Outra camada que deve ser analisada na manchete se refere ao tipo de discurso empregado. Nesse sentido, Van Dijk (2008) nos adverte que o racismo narrativo pode utilizar o discurso *sobre o outro*, que objetiva uma persuasão interna (intragrupo) – ou seja, a difusão de ideais e valores que já fazem parte da base ideológica do próprio grupo a quem a mensagem se direciona –, permitindo a continuidade do sistema de dominação racial de um sobre o outro.

Logo, é possível observar que, em E1 e E2, há indícios de um discurso sobre o outro que ratifica a imagem do Rio de Janeiro e do Brasil como um local de incivilizados, em que as leis não são cumpridas; as instituições são falhas; as moradias são indignas para os mais pobres; há a forte sensação de impunidade, apenas confirmando a base ideológica e sociocognitiva já



formada pelos leitores do jornal, que, no caso do *The Guardian*, são, em sua grande maioria, europeus de classe média e brancos.

Van Dijk (2008) aponta que as elites simbólicas são atores sociais importantes, que utilizam os mais diversos meios de comunicação para influenciar mentes e ações a seu favor. Esse controle passa pelo fornecimento de informações enviesadas sobre eventos, visto que os receptores da mensagem não têm acesso a fontes alternativas de informação. Seguindo esse padrão de pensamento, os receptores formam novos padrões mentais, também enviesados, transmitindo conhecimentos e atitudes de acordo com a informação que foi recebida. No caso de manchetes como E1 e E2, é transmitida a imagem de um Brasil atrasado, violento, pobre, em que não é possível confiar nas instituições (polícia), enviesando, por completo, a imagem do país a partir de eventos isolados e de um contexto específico (não generalizado).

E1: Caught defenseless in the crossfire: Rio families cope with deaths by police violence.

“Indefesos pegos no fogo cruzado: famílias do Rio lidam com mortes por violência policial”.

Além de fragilizar a crença na instituição policial, a manchete revela que os moradores da favela retratados na reportagem estão em posição de completa vulnerabilidade e entregues à própria sorte. O uso do verbo *lidar* (conviver, suportar, aguentar), na expressão *Famílias do Rio lidam com mortes por violência policial*, já se trata de uma posição de poder sobre o outro, denota a representação dos sujeitos da ação como passivos, como se apenas sofressem as consequências. Percebe-se, também, que, nessa manchete,

não há nenhuma camada narrativa que possibilite a solução do caso ou a resolução do problema. Van Dijk (2008) demonstra que, em manchetes sobre minorias raciais, a camada narrativa de solução do problema está sempre ausente. É como se o problema apresentado não pudesse ser resolvido. Logo, observamos, aqui, outro indício de uma narrativa enviesada e outro bom exemplo de discurso sobre o outro.

3.2. ANÁLISE DAS IMAGENS

Quadro 2 – Comparativo das imagens de capa das reportagens do jornal *The Guardian*, Coluna *World News*, dias 16/09/2019 e 22/09/2019, respectivamente

ColunaWorld News
The Guardian, 16/09/2019.
E1



Fotografia: Felipe Fittipaldi/*The Guardian*


Coluna World News
The Guardian, 22/09/2019.
E2



Fotografia: Léo Corrêa/AP

Fonte: *The Guardian* (2019).

Tendo por base as imagens de capa de ambas as reportagens (E1 e E2), depreende-se que a construção de modelos mentais favorece a criação de estereótipos. A generalização de estereótipos é observada em nosso *corpus*,



ao retratar os moradores da favela, palco principal dos acontecimentos reportados. Com base na escolha das imagens, em E1 e E2, para compor a imagem de capa das reportagens; e nas semelhanças que existem entre elas do ponto de vista estético, depreende-se que não se trata apenas da iluminação local, mas, sim, de uma escolha narrativa que envolva baixa iluminação empregada nas fotografias, o emprego de cores frias, o enquadramento do objeto, o entorno do objeto fotografado, além do uso das cores como forma de imbuir desesperança e desespero nos elementos retratados. De acordo com Bellantoni (2005), há uma relação direta entre a escolha das cores e os sentidos. Logo, as imagens retratadas também passam a ter uma função narrativa que auxiliaria na construção de sentidos, dando ênfase à narrativa.

A análise da imagem em E1, ao retratar um jovem, negro, com olhar perplexo, cansado e indefeso, em um possível barraco, mal iluminado, diz muito sobre a condição social e sobre a realidade de moradia nas favelas cariocas. Porém, ao relacioná-la à imagem retratada em E2, percebemos uma construção imagética, ao retratar-se, em ambos os casos, os moradores de favela, em sua maioria negros e pobres, em fotografias escuras, em desespero, indefesos e, neste caso, tementes à violência policial, que é tema de ambas as reportagens.

É importante ressaltar que as imagens, em conjunto com as manchetes, articulam o cenário de medo, preocupação e desigualdade social por parte dos moradores das comunidades. Estes se sentem em um fogo cruzado com a polícia e temem toda a conjuntura política e social instalada no Rio de Janeiro em virtude das políticas de “guerra às drogas” e de “atirar para matar”, implementadas, recentemente, no governo Witzel. Retratadas nas reportagens, as políticas impactam, diretamente, os moradores das comunidades cariocas



(favelas), que são alvo preferencial dessas políticas, levando ao genocídio da população negra, denunciado por uma das reportagens. De acordo com Van Dijk (2008), as manchetes sobre negros são frequentemente associadas a questões sociais, crimes, ameaças e violência. É fundamental perceber que todo o cenário retratado pelo jornal, que tem a função primordial de informar, ajuda a construir uma opinião sobre o país relatado, sobre as formas de tratamento do Estado em relação à população, assim como a própria reação da população aos eventos. As interseccionalidades de raça, posição social, gênero, nível de escolaridade, saneamento, acesso à educação, além de outros aspectos biopolíticos, devem ser analisadas com mais cuidado, para que os fatos sejam noticiados de forma imparcial, buscando estar o mais próximo que for possível da realidade, com a finalidade de cumprir os princípios básicos da comunicação.

Toda essa construção narrativa, apoiada nas imagens, no peso das manchetes e no ar de denúncia da própria reportagem, traz, de forma implícita, ideologias de dominância. Estas, com o suporte da sociocognição, ajudam a construir, na mente do leitor, uma visão, uma ideia ou uma reflexão, que, na verdade, nada mais são do que a propagação de uma ideologia do próprio jornal. A notícia constrói uma realidade no pensamento do leitor, de modo que a seleção ideológica dos eventos que se tornarão notícia direciona a ação da opinião pública em relação a vários temas da sociedade, entre eles a violência, a crença nas instituições, a sensação de insegurança e demais temas tratados nas reportagens analisadas. A lógica é a de que, se uma elite simbólica tem o domínio da construção da narrativa e escolhe o que pode e deve ser dito, sua influência age, diretamente, na mente das pessoas, em suas crenças e valores. Assim, é





ambas as reportagens, apresentando nuvens de palavras praticamente iguais, em discursos que se complementam.

Portanto, uma vez que os discursos se comunicam e se complementam, é possível analisá-los por meio de categorias narrativas, aqui divididas em três categorias, com excertos escolhidos por ordem de relevância a critério do analista do discurso. As categorias são nós *versus* ele; criminalização da pobreza e “guerra as drogas”; “atirar para matar” e o “genocídio da população negra”. Essas categorias foram criadas por estarem presentes em ambas as reportagens. Considerando a assiduidade do tema e a vinculação ao jornal, seriam importantes na construção de modelos mentais no imaginário do leitor a partir da sociocognição proposta por Van Dijk.

3.3.1. NÓS *VERSUS* ELE (A POPULAÇÃO *VERSUS* WITZEL)

Adaptamos, aqui, o discurso do nós *versus* eles, muito popularizado por Van Dijk (2008), o qual adiciona características positivas ao “nós” e relaciona características negativas ao “eles”. Dessa forma, reuniremos, no nós, uma narrativa que culpa o governo Witzel pela violência nas favelas cariocas; e, no ele, as declarações do próprio Witzel que “justificam” essa prática. Essa dualidade é percebida nas duas reportagens analisadas, que, mesmo escrita por jornalistas diferentes, possuem uma construção narrativa semelhante, uma espécie de modelo mental que, conscientemente ou não, influencia o imaginário do leitor e, na visão cognitivista aqui defendida, pode atuar como uma interface importante entre discurso e sociedade. Em ambas as reportagens, o jornalista atua como um narrador não participante. Os personagens retratados pelas reportagens (população da favela e Witzel) dialogam ao longo de toda a reportagem, ora acusando e culpando, ora se justificando. Esse posicionamento



expõe uma tensão entre valores e ideologias dos próprios personagens da notícia. Nesse sentido, é importante termos em mente que as narrativas visam a legitimar sentidos, sendo fundamental perceber quem conta as histórias, para quem são contadas e em que espaços acontecem (VAN DIJK, 2008).

NÓS (população da favela)

She was the fifth young child to be killed in Rio favelas this year. Favela activists, politicians, the public defenders' office and the president of Rio's bar association blamed the shoot-to-kill policy of the Rio governor, Wilson Witzel. "He is responsible for the murder," tweeted Guilherme Boulos, a leftist politician (PHILLIPS, 2019, *World News*, p.1).

Complexo do Alemão residents at the demonstration on Sunday called on Witzel to end the violence. "When there is a death ... it takes us to our limits, psychologically," said Camila Santos, 34, who blamed Witzel for "legalizing and legitimising" police violence against favela residents (PHILLIPS, 2019, *World News*, p.1).

Adilson Santiago, 54, a drainage worker, watched as the demonstration passed. "The police of Rio de Janeiro have to respect people of favelas like Complexo do Alemão more," he said. "There are a lot of innocent people inside" (PHILLIPS, 2019, *World News*, p.1).

Na narrativa denominada *Nós*, identificamos um clamor da população que se intitula inocente e deseja que seja repensada a prática policial nas comunidades do Rio de Janeiro. A população também culpa o governador Wilson Witzel pela implementação da política de "atirar para matar", que legitima e aumenta a violência policial nas favelas cariocas.

ELE (WILSON WITZEL)

In July, Witzel compared drug gangs that control favelas such as Complexo do Alemão to terrorist groups in an interview with foreign journalists and defended his declaration that it was better to shoot armed gang members in the head. "A bandit with a rifle is a terrorist. How do you treat terrorists? With lethality," he said (PHILLIPS, 2019, *World News*, p.1).

Witzel has defended his so-called “shoot down” policy, claiming it has reduced crime and insisting “no leniency” can be shown to rifle-toting gangsters he compares to Nazis (BRISO, 2019, *World News*, p.1). In one chilling interview Witzel urged criminals to swap their guns for Bibles, “or we are going to kill you” (BRISO, 2019, *World News*, p.1). Despite a public outcry over the rising body count, Witzel has shown no sign of rethinking his hardline tactics, instead blaming the killings on “pseudo human rights activists” who prevent police properly performing their duties (BRISO, 2019, *World News*, p.1).

Na narrativa denominada *Ele*, reunimos alguns excertos com as falas do governador Wilson Witzel em resposta aos pedidos da população para que repense as políticas criminais adotadas pela polícia do Rio de Janeiro, em virtude do aumento do número de mortos. Witzel, então, compara bandidos a terroristas e a nazistas e argumenta que a única resposta é a letalidade. Defendendo a política de atirar para matar, sugere que criminosos troquem armas por bíblias, para não serem mortos; e culpa os que chama de “pseudoativistas de direitos humanos”, por impedirem a polícia de desempenhar seu trabalho adequadamente. Então, percebe-se um discurso antagônico, conflituoso, não sendo possível observar uma solução. Van Dijk (2008) observou esse tipo de construção narrativa em jornais holandeses, nos quais, ao mesmo tempo, não era possível encontrar a uma narrativa de solução em notícias relacionadas a minorias (neste caso, negros e pobres).

CRIMINALIZAÇÃO DA POBREZA

By opting for confrontation and war, Governor Witzel is deliberately putting at risk the poor, who are caught defenseless in the crossfire,” added Souza, who recently flew to Geneva to denounce Witzel to the UN human rights council (BRISO, 2019, *World News*, p.1). This is the death of a child whose only sin in her life was being poor. Why is the state security policy an extermination policy?” Luciano Bandeira, the president of Rio’s bar association, told O Globo newspaper. “There is no remorse, no admission of fault, no

will to rethink the policy to avoid other deaths like this happening (PHILLIPS, 2019, *World News*, p.1).

Outra categoria narrativa percebida no discurso das reportagens é a de criminalização da pobreza, que ocorre quando a camada mais pobre da sociedade é submetida a tratamento desigual pelo Estado, seja a partir de violência policial, excesso de rigor penal, leis específicas que afetam os mais pobres (guerra às drogas, atirar para matar), estando diretamente associado ao racismo institucional (DANIN, 2017).

“GUERRA AS DROGAS”, “ATIRAR PARA MATAR” E O “GENOCÍDIO DA POPULAÇÃO NEGRA”

Rio de Janeiro police have killed a record number of people in the name of Wilson Witzel’s war on drugs, and many say it’s civilian lives being lost (BRISO, 2019, *World News*, p.1).

“A motorbike passed, and he tried to hit it and hit the van. The space was very short, six to seven metres. The shot went through the van, it went through Ágatha’s body,” he said. “This is part of a genocidal policy, of genocide of black people” (PHILLIPS, 2019, *World News*, p.1).

On Sunday the favela newspaper “Voz das Comunidades” organized a second demonstration. Led by beeping motorbike taxis, children waved yellow balloons as a small crowd marched behind a banner reading: “Stop killing us” (PHILLIPS, 2019, *World News*, p.1).

A última categoria narrativa percebida em nossa análise fala sobre a políticas implementadas no governo Witzel, responsáveis pela onda de violência policial e pelo aumento do número de mortos nas favelas cariocas, atingindo, diretamente, a população pobre e negra. “Guerra às drogas” e “atirar para matar” estão, discursivamente, associadas ao



“genocídio da população negra”, termos mencionados no texto. Assim, a relação discursiva percebida entre os excertos é a de causa e efeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escolhas narrativas do conteúdo das manchetes, aliadas à imagem de capa de cada reportagem, apresentam indícios discursivos carregados de sentido ao retratar o negro latino-americano pobre, favelado, descrente das instituições, estabelecendo uma diferença entre grupos sociais a partir do público-alvo do jornal e dos personagens das reportagens. Essas estratégias, embora chamem a atenção do leitor, produzem preconceitos e estereótipos, visando a destacar os aspectos negativos do grupo representado. Também foi possível detectar, em alguns excertos, o discurso sobre o outro. Na análise das categorias narrativas, observou-se culpabilização, justificativa e relações de causa e efeito que ajudam a formar padrões mentais discursivos no imaginário do leitor, sendo possível reproduzir ideologias.

Esperamos que este estudo seja útil para outras situações midiáticas semelhantes e colocamos, como proposta para futuros trabalhos, um estudo de recepção desse tipo de mensagem e seus possíveis impactos para a sociedade.

REFERÊNCIAS

BELLANTONI, P. **If it's purple, someone's gonna die**: the power of color in visual storytelling for film. Waltham: Focal Press, 2005.

BOURDIEU, P. **Esboço de autoanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.



BRISO, C.B. Caught defenseless in the crossfire:Rio families cope with deaths by police violence. **The Guardian**, Rio de Janeiro, 16 set. 2019.Disponível em:<https://www.theguardian.com/world/2019/sep/16/rio-de-janeiro-police-violence-deaths-families>Acessoem: 12 out. 2019.

CASTELLS, M. **O poder da identidade na era da informação**: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DANIN, R.A. LoicWacquant: encarceramento em massa como política social na contemporaneidade. **Rev. Sem Aspas**, Araraquara, v. 6, n. 2, p. 125-33, jul./dez. 2017.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 5ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

PHILLIPS, D. Braziliansblame Rio governor`sshoot-to-killpolice for deathof girls. **The Guardian**, Rio de Janeiro, 22 set. 2019.Disponível em:<https://www.theguardian.com/world/2019/sep/22/brazilians-blame-rio-governors-shoot-to-kill-policy-for-death-of-agatha-felix-girl-8>. Acesso em: 12 out. 2019.

THOMPSON, J.B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2011.

VAN DIJK, T.A. **Discourseandcontext**: asocio-cognitive approach. New York: Cambridge University Press, 2008.

_____. Análisecrítica do discurso. In: TOMAZI, M.*et al.* (org).Estudos discursivos em diferentes perspectivas: mídia, sociedade e direito. São Paulo: Terracota Editora, 2016.

WEBER, M. **Ciência e política**: duas vocações. São Paulo: Cultrix, 1968.

WIEVIORKA, M. **O Racismo, uma introdução**. São Paulo: Perspectiva, 2007.